

ERMIO

ERMIO

helder macedo

DO ERMO INFINITO AO SERTÃO DAS POSSIBILIDADES: A NEBLINA DE HELDER MACEDO

Muito se pensa que para as maiores distâncias serem percorridas, é preciso objetivo, sonho e coração. Já eu, prefiro acreditar que, para alcançar as maiores distâncias, deveríamos percorrer, também, nossas pessoas. Pessoas essas a que, de fato, amamos. Pois seriam nelas que encontraríamos o que chamam, por aí, de infinito.

Mas o que é infinito? Seria um estado de espírito? Uma expansão cósmica rumo a outro infinito? Seria uma neblina, numa tarde fria de sábado, nos acompanhando cheia de amor? Ou, seria o gosto da promessa feita a uma estrela cadente? Seria a solidão em algum lugar distante? Quem sabe, talvez seja, apenas, alguns momentos de sensações que nos fazem sentir a minúcia da vida. Todavia, deixo essas questões para o livro que sentes em mãos, o Ermo. Livro que, também, te sentirá e o levará ao mais longe desses infinitos comuns a que nos submetemos todos os dias. Livro este, instrumento feito de alma, que te apresentará outras opções de sentir essa “*sensação infinito*”... Explico melhor.

Quando o Ermo me apareceu, na primeira leitura, ele veio sentimento de lugar. Nos meus mais escassos sonhos, chegou vestido de biblioteca feita de oitava série do ensino fundamental. Nesse sonho, a que sonhei por meio do Ermo, encontrei pessoas que me falaram sobre o tudo e quais e quais caminhos percorrer. Lá, no discurso desses habitantes oníricos, as linhas temporais poderiam ser mudadas e, quem morrera nessa realidade, sim, poderia estar bem vivo em alguma outra. Foi com esse lugar que conheci o significado da lembrança, do molde na memória, foi ali que encontrei uma, das minhas mais simples, *possibilidades*. Claro, o livro não trata de bibliotecas, mas ele abre gatilhos que têm o poder de nos levar aos nossos mais distantes “sertões”.

Já, na segunda leitura, o Ermo me lembrou das minhas buscas por corações: amores, solitudes, família. Nessa época, conversando com Helder sobre qual ordem os poemas deveriam ser distribuídos pelas folhas de papel, cheguei a comparar o livro a um coração vivo. Cada poema, uma batida, cada batida, um pulsar, cada pulsar, um vaga-lume de vida do eu-lírico que se iluminava por ser sertão no momento do sempre, ou seja, no instante da leitura. Feito isso, tudo estava pronto e percorrido? Não, a poesia dali causava, perseguiu, encontrava-nos em significado. Então, foi na terceira leitura que comecei a enxergar o padrão da singularidade.

Nela, o Ermo agora era, seria, foi e será, como uma casinha branca, com um poste de luz amarela à sua frente, iluminando de amarelo, as pessoas que gostei durante toda minha vida: em varanda, em vento, em ternura própria. E, nessa casinha branca, eu buscava azulejos azuis que havia perdido em momentos marcantes de minha vida...

Na quarta leitura, me deparei com um *dejá-vu...*

Na quinta, com um amor perdido procurando uma porta de cor laranja no meio de sua própria multidão.

E, finalmente, na minha *infinita leitura*, me deparei com o autor, com sua neblina de puro sertão, feito de lembranças, desejos e provocações. Uma espécie de ermo caindo dentro do seu próprio Ermo, encontrando pedaços de espelho dos seus dias bem experimentados, bem vividos e completos. Nesse infinito, percebi que é de imensidão que nos enchemos de vida. Que foi no ermo que nos surgiu o Ermo, esse lugar de poesia, lugar de palavra, lugar de refúgio.

E, por isso, fico grato por tê-lo em mãos. Afinal, foi a partir dele que aprendi a ser pedaço de sertão, estrada da possibilidade, rasgão do destino com ganho de ternura. Foi com ele que entendi o momento de ser um olhar despercebido àquilo que não se percebeu. Foi por ele que atravessei pelo infinito o estado de ermidão. No mais, Ermo é um livro composto por camadas, que não pode, e não deve, ser lido somente uma vez. Mas, sim, atravessado por viagem, viagem em busca de si mesmo, travessia constante. E, assim, ao senti-lo, ser travessia, a saída do infinito para a possibilidade.

Do amigo, eterno aluno, do primeiro período do Curso de História,
Prentice Giovanni

ESTADO DE ERMITANIA

A palavra *ermo* aparece como verbete, no Vocabulário português & latino, de dom Raphael Bluteau, de 1728, indicando, como substantivo, lugar solitário – admitindo-se, também, seu uso adjetival.¹ Lembrar o significado da palavra explica, em partes, o título do livro. Ele nasce de uma motivação ligada ao sentimento que considero o mais nobre e que, ao inebriar o coração dos homens, faz com que eles mudem, sonhem, surtem, sorriam, chorem, vivam: o amor. Mais do que o sentimento em si, mas, uma situação de desapego dele é o que vivi no decurso de uns cinco anos passados, de 2013 a 2017.

Isolado, fechei-me a ponto de estragar quaisquer tentativas de reconciliação com o amor após o fim de um relacionamento, embora, não negue, tal sentimento tenha tentado me inocular nesse tempo. Ermei-me, de forma quase inabalável, talvez com medo de sofrer novamente ou de entregar-me com todas as forças do corpo e da alma a outro homem, como fizera anteriormente. Penso que a condição de eremita a que me impus representa, assim, um refluxo contrário a um dos medos infusos no homem: o de ficar sozinho.

Durante o lustro em que vivi a ermitania, encarnei, em mim, o sertão, no sentido do isolado, do distante, do despovoado, ainda que minhas paragens tenham sido vistas, tocadas, sentidas, vertidas, penetradas. Mas, não, efetivamente, conquistadas e colonizadas. Os poemas deste opúsculo, pois, são reflexo direto do estado em que vivi, afetivamente, como um ermitão, longe de ceder aos caprichos do amor, experimentando momentos sinestésicos dos mais diferentes matizes, tão clara ou escura se apresentava a realidade, ou, ainda, colorida, em algumas poucas situações.

A palavra Ermo nomeia o livro e é, também, uma maneira que encontrei, com o registro desse tempo eremítico, de lembrar e homenagear o meu pai. Embora ele tenha nascido no sítio Quarenta, sua infância, vivências e raízes estão encravadas no sítio Ermo, território de Carnaúba dos Dantas. No Ermo, o meu pai cresceu e tornou-se homem, a partir dos ditames de seus pais, Chico Macêdo e Raquelzinha. No Ermo, quando menino, em moradia de avós, tios e tias, passei breves temporadas, convivendo com meu povo, primos, conhecidos e amigos, cuja reminiscência nostálgica desperta recordações de um tempo inalcançável, mas, não menos gostoso de se lembrar.

¹ BLUTEAU, Raphael. *Vocabulário português & latino: aulico, anatomico, architectonico ... Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712 - 1728. v. 3, p. 189.*

Nas adjacências do Ermo fica, também, o sítio Forte, onde meu pai, Arnor Macêdo, reside atualmente. Foi no Forte onde, dia desses, reunimo-nos, irmãos, sobrinhos e avó materna, para almoçar com meu pai e, ao invés da sesta, pus-me a vagar pelos campos ressequidos do sítio. Na ocasião, encantei-me com uma colina onde, em seu cume, um pé de cardeiro se entrelaçava com dois de jucá, formando um portal para lugares não conhecidos e lembrando-me de como é bom abraçar e ser abraçado. Registrei a cena, por meio de fotografia, que poderá ser vista na capa do livro. As demais imagens do livro são, também de minha autoria, captadas em diferentes sertões na região do Seridó.

Tendo saído, posteriormente, do estado de ermitania, a lembrança dos tempos em que brotaram os poemas deste livro chega, indelével, como uma brisa suave de fim de tarde aqui pelos sertões. Hoje, ao olhar para o horizonte, na hora crepuscular, um turbilhão de cores é processado pela minha vista esperançosa no futuro, diferentemente dos outros tempos de tons de cinzas ou escuros. Ainda que novos *ermos* possam acontecer em minha vida, rogo para que o universo me permita, igualmente, também, ser conquistado e colonizado.

Com meus saudaes (eremíticos),

helder macedo